

***Imaginando futuros com as mulheres de Monge Belo: prototipando narrativas situadas sobre questões de gênero em um quilombo do Maranhão***

***Imagining futures with Monge Belo's women: prototyping situated narratives on gender issues in a maroon community at Maranhão***

*Paulo Vitor Araujo Souza – paulo.vitor1@discente.ufma.br – UFMA*

*Luiz Cláudio Lagares Izidio – lagaresiz@gmail.com – UFMA*

*Raquel Gomes Noronha – raquel.noronha@ufma.br – UFMA*

**Resumo:** O artigo aborda o processo de cocriação entre designers e mulheres de uma comunidade quilombola e artesã, localizada no Maranhão. A partir do processo contemporâneo de design em criar narrativas situadas para a geração de autonomia em tais comunidades, relatamos uma pesquisa-ação realizada no intuito de produzir conhecimentos e significados localizados para parâmetros sobre superação da lacuna de gênero, estabelecidos em nível global pelo Fórum Econômico Mundial. Ao chegarmos perto da realidade do quilombo de Monge Belo, significados e imaginações de futuro emergiram a partir da cocriação de “coisas de design”. Com o Cofo de Histórias e livro das mulheres de Monge Belo, os quatro parâmetros para mensurar a lacuna de gênero, a saber, saúde e bem-estar, educação, participação econômica e política, puderam ser tangibilizados a partir das narrativas locais.

**Palavras-chave:** Narrativas, design situado, cocriação.

**Abstract:** *The paper addresses the process of co-creation between designers and women from a quilombola and artisan community, located in Maranhão. Based on the contemporary design process of producing situated narratives for the production of autonomy in such communities, we report an action research carried out with the aim of producing localized knowledge and meanings for parameters on overcoming the gender gap, established at a global level by the World Economic Forum. As we got closer to the reality of the Monge Belo quilombo, meanings and imaginations of the future emerged from the co-creation of “design things”. With Cofo de Histórias and Monge Belo's women's book, narratives about the four parameters to measure the gender gap, namely health and well-being, education, economic and political participation, were made tangible from local narratives.*

**Keywords:** Narratives, situated design, cocriation.



## 1. Introdução

O processo de narrar, no campo do design, tem sido ferramenta metodológica importante para consolidar modos mais sustentáveis de produção. No âmbito dos processos de desmaterialização do design, o design de sistema produto-serviço tem lançado mão dos processos de *storytelling* (Lupton, 2017) como forma de criar experiências situadas a fim de ofertar possibilidades de geração de renda, para além da produção industrial de bens tangíveis, como mencionam Manzini e Vezzoli (2002).

Neste sentido, a produção de narrativas, ou como argumentam De Rosa, Tassinari e Vergani (2021), a contra-narração tem sido estratégia profícua no sentido de fundamentar os processos de imaginação, e em especial, em proporcionar o seu compartilhamento, para além das subjetividades que as produzem. A experiência cotidiana, seguindo ainda os autores, precisa ser fundamentada para dar corpo a demandas contraditórias que surgem em terrenos inconstantes.

A fim de promover a aproximação entre as histórias das mulheres de Monge Belo, de fazer conhecerem a sua produção artesanal com colorantes naturais, como um passo rumo ao desenho de serviços para e com a comunidade, nos alinhamos à abordagem de design de futuros, que de acordo com Reina-Rozo (2023), busca entender os possíveis impactos futuros que novas tendências e pensamentos emergentes possam ter na sociedade, na tecnologia, na economia, no meio ambiente e em outras áreas. Para tal, utiliza-se, segundo o autor citado acima, uma variedade de técnicas para explorar cenários futuros, como pesquisa de tendências, modelagem e simulação, *storytelling* e prototipagem.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de um processo de cocriação de narrativas com as mulheres do quilombo de Monge Belo sobre como vivenciam suas práticas e territórios em função de sua condição de serem mulheres. Em um território que, por ser quilombola, é constituído de inúmeras camadas discursivas sobre os conceitos de origem, autonomia e constituição fundiária, como observamos em pesquisas anteriores (Noronha, 2020), são múltiplas as visões de mundo, os significados e abordagens em relação às histórias do lugar e, especificamente, sobre a produção artesanal.

O saber-fazer artesanal sinaliza uma dessas formas de desenhos outros, pois se relaciona a conhecimentos incorporados e locais, que são aprendidos por meio de relações práticas e da oralidade entre artesãos e aprendizes (Casciani e Vandi, 2022). Por conta de sua natureza implícita e pouco articulada, o processo de descrição e formalização destes saberes é dificultado, levando estes a serem ignorados (Spinuzzi, 2005). Em contrapartida, hoje no Brasil são identificados formalmente 8,5 milhões de artesãos (em sua maioria, mulheres), o que representa cerca de 3% do PIB brasileiro e movimenta cerca de cinquenta bilhões de reais por ano (Censo, 2022).



Os relatos que aqui trazemos foram coletados após a realização de um processo de pesquisa sobre corantes naturais na comunidade, como será explicado no item 3. Portanto, já havia um convívio entre as copesquisadoras e os designers pesquisadores. Esse processo de construção de confiança foi gradativo e a subjetividade envolvida nos resultados produzidos são prova dessa aproximação e pacto de confiança pautado nas trocas, no tempo de convívio e nas mútuas entregas ao longo do processo. Por meio da prototipação de novos pigmentos, e por meio do fazer, as narrativas sobre o lugar, sobre o território, emergiram. Narrar oportuniza o processo de autorreflexão da própria comunidade, possibilitando o design de si mesma, conforme reflete Arturo Escobar (2016).

A imaginação de futuros também se realiza por meio da prototipação. Nesta pesquisa, as “coisas de design” (Binder et al., 2011) foram desenvolvidas em conjunto com as mulheres de Monge Belo com o propósito de acionar suas histórias sobre os quatro parâmetros para a redução de lacuna de gênero determinados pelo Fórum Econômico Mundial, a saber, saúde e bem-estar, educação, participação econômica e empoderamento político (FEM, 2005). Contudo, conforme achados anteriores de pesquisa (Noronha, 2018; Noronha, Farias e Portela, 2022), os indicadores tradicionais destes parâmetros não são identificados literalmente em comunidades tradicionais. Daí nossa estratégia em trabalhar a contação de histórias como meio para que tais narrativas emergjam de forma espontânea e a partir de indicadores situados, com dois processos de prototipação: o primeiro, intitulado Cofo de Histórias, lançou mão de um artefato peculiar da cultura rural maranhense, o cofo, uma cesta multifuncional que serve de embalagem e bolsa; e a segunda, um livro cocriado a partir das narrativas situadas, tangibilizando os indicadores locais para os parâmetros da lacuna de gênero.

O artigo apresenta inicialmente a abordagem metodológica da pesquisa e, após, faz uma articulação entre os conceitos acionados e os resultados obtidos com as “coisas de design”, trazendo as narrativas situadas sobre interpretações locais acerca dos parâmetros da lacuna de gênero, bem como sobre os debates no campo do design.

## **2. Abordagem e princípios metodológicos**

Quanto à abordagem da pesquisa, esta pode ser considerada qualitativa. O objetivo desse tipo de abordagem é o de explicar fenômenos socioculturais (Creswell, 2014). Possui natureza aplicada, pois volta-se pontualmente a uma questão identificada no campo de pesquisa (Buchanan, 2001). Dentro do ponto de vista dos objetivos da pesquisa, esta se classifica como descritiva, pois parte de uma compreensão inicial sobre as variáveis associadas a um fenômeno em foco.

Esta pesquisa foi orientada por uma abordagem do designantropologia (Izidio; Noronha; Gomes; 2022), vista como um processo narrativo a partir do uso de “coisas de design” (Binder et al., 2011) no qual o engajamento com o contexto e os materiais ocorre a partir de uma



atitude reflexiva, entre a crítica e a experimentação, e por meio da criação de vivências de situações concretas. A vivência no território, por meio da prototipação, buscou entender, em primeira instância, as informações básicas sobre elementos sociais, tecnológicos, econômicos, ambientais e políticos, relacionados às questões de gênero na comunidade.

Designantropologia, juntos, em um mesmo termo, implica o acionamento de vivências, epistemologias e imaginações dos dois sistemas de conhecimentos ao mesmo tempo. Nossa opção em usar as palavras juntas é uma escolha política de não mais separar tais campos de conhecimento, transbordando o encontro em subjetividades dentro-fora-dentro como fluxos em devir, conforme relatam Izidio, Farias e Noronha (2022).

Na fase inicial da pesquisa, foi realizada uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) a respeito da relação entre design participativo, gênero e artesanato (Souza, Farias e Noronha, 2023), a qual resultou em uma análise minuciosa sobre as diversas formas de apagamento das narrativas locais em torno dos saberes e fazeres artesanais. Entre as questões analisadas, refletiu-se sobre o artesanato como uma zona de contato com questões de poder complexas como a desigualdade de gênero. A desvalorização dos trabalhos manuais consiste em um dos reflexos dos marcadores da lacuna de gênero, visto que tal atividade é comumente percebida como uma extensão dos afazeres domésticos (op.cit.)

A segunda fase, consistiu-se na pesquisa de campo<sup>1</sup>, que foi realizada ao longo de um ano (2022-2023) com cinco encontros ao longo do período, além de acompanhamento e manutenção das conversas por *WhatsApp*. Nesta fase foi realizada a cocriação de “coisas de design”, a partir de linguagens e exemplos do cotidiano e da produção artesanal de Monge Belo. Segundo Binder et al. (2011), essas coisas consistem em materialidades manipuladas pelos participantes de um projeto de design a fim de elicitar a conversa coletiva em torno de questões de interesse.

A primeira ferramenta para imaginação de futuros criada foi o “Cofa de Histórias”. O cofa é um artefato de cestaria comum na realidade rural do Maranhão para acondicionar e transportar insumos. Essa ferramenta foi inspirada pelos conceitos explorados na obra “A teoria da bolsa aplicada à ficção” (Le Guin, 2021), que ressalta a importância de contar histórias de forma mais ampla, incorporando a analogia da história como “bolsa” para remeter às narrativas que sejam construídas a partir da perspectiva de todos os outros personagens que foram eclipsados pelas narrativas hegemônicas fundadas no ponto de vista de um herói épico. Na prática, isto significaria tornar explícitas as histórias ocultadas das mulheres e das comunidades, superando as racionalidades manifestas no cerceamento de formas de ver e pensar o mundo diferente daquelas que constituem o cânone moderno.

---

<sup>1</sup> Desde o momento inicial da pesquisa, o pacto ético foi estabelecido, incluindo-se a cessão de uso de imagens e informações coletadas em campo para fins acadêmicos, de forma oral e gravada, de modo condizente com as práticas da comunidade, conforme abordam Rezende e Dias (2022).



A segunda ferramenta prototipada para o processo de pesquisa em Monge Belo intitulada “A história das mulheres de Monge Belo” objetivou o registro em papel das histórias colhidas com o “Cofó de Histórias”, trazendo a perspectiva das interlocutoras locais. Cada capítulo do livro foi construído com base em parâmetros para mensuração da lacuna de gênero, adaptados por nós a partir do Relatório do Fórum Econômico Mundial (2022), a saber: participação econômica, participação política, acesso à educação e saúde e bem-estar. O resultado é um material literário de produção contínua a ser compartilhado em experiências futuras com comunidades artesãs e fornecendo um panorama rico em dados acerca das artesãs de vários lugares do Maranhão.

A articulação das duas ferramentas proporciona um conteúdo produzido a partir de narrativas locais, considerando a multidimensionalidade das relações que acontecem naquele território, e que podem ser bases para futuros processos de implantação de sistemas produto-serviço em relação à produção de corantes naturais na comunidade de Monge Belo, fruto de pesquisa mais ampla realizada pelo NIDA, conforme descreveremos no item a seguir.

### **3. Breve histórico - práticas em Monge Belo**

Segundo Gaioso et al. (2016), a história de ocupação do quilombo de Monge Belo tem início a partir da ocupação promovida pelo Porto da Gambarra e a comercialização de produtos e pessoas escravizadas durante a primeira metade do século XIX, favorecendo assim o desenvolvimento da região da Baixada Maranhense, incluindo, dentre outros, o município de Itapecuru Mirim. Foi durante o período áureo (entre meados do século XVIII e o começo do século XIX), marcado pela produção de algodão e cana-de-açúcar, que negros escravizados se estabeleceram para trabalhar em Monge Belo. Posteriormente, passaram a ter o domínio sobre as terras e foram constituindo descendência no local com o passar dos anos, no território que viria a se tornar o quilombo de Monge Belo.

A comunidade está localizada a 100 km da capital do estado do Maranhão, no município maranhense de Itapecuru Mirim, sendo necessário percorrer mais 12 km de estrada de terra para chegar até lá. A economia local configura-se como de subsistência, por meio do cultivo de grãos e do manejo de animais. A renda das famílias também é complementada por meio de auxílios fornecidos pelo Governo Federal e pelos trabalhos artesanais realizados pelas mulheres.

Figura 1 – (Imagens A, B e C): Cisternas em Monge Belo.





Fonte: Fotografias de Patrícia Rodrigues (Itapecuru Mirim, 2019)

Dentre esses trabalhos estão as pinturas realizadas nas cisternas das residências (Figura 1), motivação inicial para conhecermos a comunidade pois nelas estão representados fortes traços da identidade local. Dessa forma, em nossa primeira visita, ocorrida no mês de março de 2022, fomos introduzidos a esse saber por um grupo de mulheres da comunidade.

Através da preparação in loco da tinta natural descobrimos que eram utilizados no processo a cola branca como aglutinante e que os colorantes minerais eram procedentes do estado de Minas Gerais, desconsiderando as dimensões de sustentabilidade, em especial, a ambiental. Essa questão tornou-se uma pesquisa de mestrado<sup>2</sup> no PPGDg-UFMA, através da sistematização e cocriação de processos que envolviam a produção de colorantes naturais na comunidade de Monge Belo, com foco na autonomia produtiva das mulheres.

Apesar da enorme riqueza cultural e ambiental do território, Monge Belo é alvo de disputas de suas terras e os moradores locais enfrentam obstáculos na luta pela sua regularização, realidade da maioria dos quilombos. Tais conflitos são travados devido às atividades tanto de particulares como de grandes empreendimentos econômicos.

Bruzaca (2020) destaca a construção da Estrada de Ferro Carajás (EFC), estrutura ferroviária e passagem de trens, e sua duplicação, que corta os territórios quilombolas de Santa Rosa dos Pretos e Monge Belo, como causadores de impactos diretos de cunho ambiental, social e cultural ao quilombo, condizentes com traços de uma política “desenvolvimentista”.

Para os quilombolas, a “terra”, no sentido de território, têm fundamental importância para o processo de manutenção de autonomia da população, pois carrega consigo traços da história dos seus ancestrais, de preservação da cultura e do modo de vida tradicional.

<sup>2</sup> Dissertação de mestrado de Gabriela Ramos Ferreira, intitulada “As terras de Monge Belo: as práticas locais e o design participativo relacional na produção dos colorantes naturais”, defendida em julho de 2023 no Programa de Pós-Graduação da UFMA.

#### 4. Sobre o conceito de narrativa

Na dimensão da produção artesanal, as narrativas estão fortemente vinculadas aos territórios de vida de seus praticantes e amparadas sob formas de conhecimentos tácitos, que são aprendidos através da oralidade e da prática entre artesãos e aprendizes (Casciani e Vandi, 2022). Segundo Ingold (2011), estes saberes são formas de conhecimentos narrativos que se traçam através de fluxos de atenção e resposta contínua entre pessoas, materiais, coisas e ambientes. Processos artesanais possuem a capacidade de tangibilizar histórias por meio de sua contação, isto é, o modo pelo qual artesãs e artesãos valoram e comunicam suas tradições e ancestralidade (Noronha e Abreu, 2021). Nesse sentido, tais artefatos e modos de fazer tornam-se rastros tangíveis de histórias que continuam sendo contadas ao longo da produção.

Além de constituir um elemento produtor da identidade das comunidades, a contação de histórias atravessa as diversas fases da cadeia produtiva, desde a produção, por meio da tradução de aspectos simbólicos-culturais ligados a um território, até o processo de comercialização, tornando possível a assimilação de significados locais em um contexto sociocultural mais amplo. A contação de histórias implica envolver-se em processos de imaginação e criação de tempos, pessoas e espaços, como na ideia de fabulação enquanto “a criação de ficções suficientemente vívidas e intensas para serem capazes de intervir e remodelar a realidade” (McLean, 2017, p.10, tradução nossa).

Uma outra face da contação está em sua capacidade de elicitar processos de tomada de decisão e produção de identidades. Para Kuthy e Broadwater (2014), a narrativa permite a reunião de saberes situados através da agregação coletiva, estimulando a habilidade de atenção e resposta do espectador.

A produção de narrativas situadas são fundamentais para dar corpo à parâmetros externos e, muitas vezes, abstratos, como os identificados sobre a lacuna de gênero no Relatório do Fórum Econômico Mundial, evidenciando a importância do designantropologia, visto que tais abordagens projetuais criam espaços férteis para o reconhecimento das narrativas locais ao dar vazão às demandas, temporalidades e modos de vida das comunidades artesanais.

As narrativas são bases, nesta pesquisa, para o processo de imaginação de futuros. Em uma abordagem contracolonial, como propõe o líder quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), a proposição da coleta se deu a partir de coisas e significados locais, baseados na realidade e cotidiano das mulheres que trabalham com colorantes naturais em Monge Belo. Essa decisão é reforçada pela abordagem de designantropologia, que preconiza a confluência de linhas de vidas em fluxos, construindo caminhos possíveis a partir da atencionalidade em campo.

Assim, aliamos-nos à discussão proposta por Reina-Rozo (2023), que questiona a construção de quadros hegemônicos com a participação parcial ou limitada dos participantes de uma pesquisa cujo objetivo seja imaginar futuros. Com o autor, assumimos a provocação da



narrativa por meio de uma narrativa situada, o Cofo de Histórias, e depois a sistematização, a partir da escrita coletiva do livro. Enfatizando as epistemologias quilombolas, e expondo mazelas causadas pelas formas de governança eurocêntricas dos territórios, os conflitos territoriais e a imposição econômica de uma empresa extrativista na comunidade, chegamos a narrativas plurais, ricas em vidas e subjetividades, contracolonizando uma forma de fazer e pesquisar no campo do design, chegando aos resultados e discussões a seguir.

## 5. Resultados e Discussão

Durante a pesquisa de campo, a conversação em torno das práticas criativas iniciou com uma encenação que orientou os conceitos a serem debatidos com as ferramentas. Importante mencionar que esta etapa aconteceu na culminância da apresentação e discussão de resultados da dissertação de Ferreira (2023) que buscou, por meio de uma pesquisa ação participativa, reconstruir a produção de colorantes a base de terra na comunidade, pensando questões de sustentabilidade dos materiais, envolvendo dimensões ambientais, econômicas e socioculturais (Figura 2). Através da preparação *in loco* da tinta natural descobrimos que eram utilizados no processo a cola branca como aglutinante e que os colorantes minerais eram procedentes do estado de Minas Gerais, desconsiderando as dimensões de sustentabilidade, em especial, a ambiental.

Figura 2 - (Imagens A, B e C): Busca no quilombo por matéria-prima para os processos de cocriação com colorantes naturais

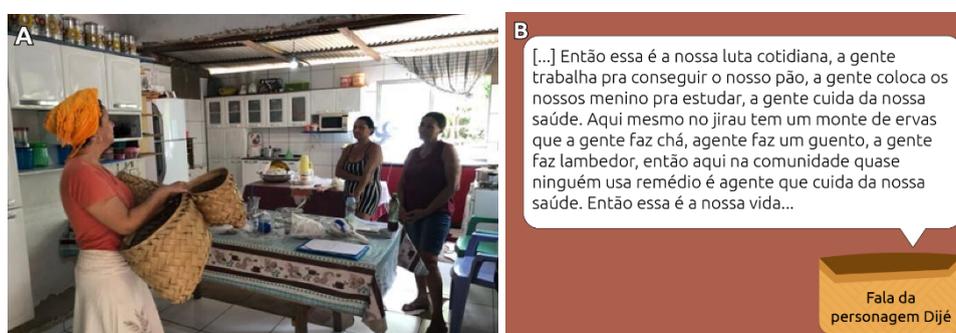


Fonte: Arquivo do NIDA (Itapecuru Mirim, 2022).

Isso proporcionou, ao longo da citada pesquisa, uma aproximação, laços de confiança e pactos éticos construídos ao longo do tempo e do compartilhamento do fazer dos colorantes desde 2021. Foi essa aproximação existente entre os pesquisadores do NIDA e as mulheres envolvidas na pesquisa que proporcionou a atencionalidade e a afetação pelas subjetividades envolvidas nesta proptotipação e imaginação de futuros.

Construímos uma encenação, protagonizada por uma das autoras deste artigo, na qual interpreta a personagem de nome “Dijé”, uma artesã maranhense e mãe de família, que foi baseada nas experiências da pesquisa do NIDA junto a comunidades produtoras de artesanato no estado, e que conferiu uma atmosfera arquetípica, trazendo situações já observadas e vivenciadas em diversas outras comunidades. A performance (Figura 3) foi capaz de despertar emoções nas espectadoras e pudemos notar o interesse das mulheres presentes ao receberem o convite de Dijé para preencherem os cofos com suas histórias e desafios da vida cotidiana. O convite era para que as mulheres coletassem coisas importantes em suas vidas e guardassem nos cofos e, na manhã seguinte, os levassem para nosso encontro de “coletas de narrativas”.

Figura 3 – (Imagem A) Performance e (Imagem B) trecho da fala de Dijé no Cofa de Histórias.



Fonte: NIDA.

No dia subsequente, sentamo-nos em uma roda, na cozinha de uma das participantes, e as artesãs foram convidadas a narrar suas vivências em relação aos objetos selecionados. Em um ambiente repleto de emoção, o grupo de mulheres compartilhou uma diversidade de conhecimentos locais, como melodias, habilidades, receitas, saberes sobre plantas medicinais, orientações, expressões de indignação, pesares, tristezas, alegrias e várias outras questões sobre a experiência de ser mulher em Monge Belo. Neste sentido, corroboramos o debate de Jukes (2020), que coloca a narrativa sobre objetos e suas materialidades como oportunidades para também especular sobre as histórias ecológicas entre materiais e seres que interagem. Para o autor, dar atenção às histórias amplas e situadas das quais os materiais emergem “geram aberturas para o diálogo ético sobre os problemas ambientais, indo além da materialidade direta do material para outras questões correlatas” (op.cit., p.1747, tradução nossa).

Um ponto de relevância diz respeito ao fato de que o grupo de mulheres envolvido na atividade aumentou em relação ao dia anterior. As participantes encorajaram outras moradoras de Monge Belo a também partilhar suas histórias de vida (Figura 4), assim como fez a personagem Dijé (observando aqui uma validação do nosso processo). Cada uma das

mulheres nos trouxe uma visão de diferentes períodos daquela localidade, devido à variação de suas faixas etárias (entre 30 a 60 anos). Apesar das variações de idade, todas elas são mães.

Figura 4 – Experienciando a prototipação. (Imagens A, B e C) Mulheres usando o Cofre de Histórias.



Fonte: NIDA.

Após a narrativa permeada pelas subjetividades das copesquisadoras, o processo final consistiu-se pela oficina de prototipação e montagem do livro “A história das mulheres de Monge Belo”, com o uso de uma impressora, canetas coloridas, folhas sulfite e grampos. As imagens que ilustraram o livro foram fotografadas ao longo da caminhada pelos arredores da comunidade, tendo o grupo de mulheres como guias. Os quintais, cotidianos de trabalho, costumes de vida, objetos de uso e elementos da flora local preencheram os capítulos do livro, levando em consideração suas perspectivas e representações sobre os quatro parâmetros da lacuna de gênero. Por fim, as fotografias foram impressas, selecionadas pelas mulheres e anexadas ao livro. Muitas situações narradas não tinham como serem fotografadas durante nossa estadia. Então, também lançamos mão da ilustração com as mulheres, para tangibilizar o seu imaginário (Figura 5).

Figura 5 – Momentos de cocriação. (Imagens A, B, C, D, E e F): Elaboração do Livro da História das Mulheres de Monge Belo.





Fonte: NIDA.

As narrativas que emergiram a partir do Cofo de Histórias e do livro “A história das mulheres de Monge Belo” são aqui apresentadas segundo os parâmetros da lacuna de gênero, sendo estas: saúde e bem-estar, acesso à educação, participação econômica e participação política.

## 5.1. Saúde e bem-estar

O uso de ervas medicinais ainda é o principal modo de tratamento de enfermidades na comunidade. Por meio da dinâmica com a ferramenta do Cofo de Histórias essa valorização pôde ser constatada no exercício de procurar por plantas medicinais no quintal de casa, gerando registros que preencheram o protótipo do livro com diversas fotos de espécies locais. Elizabeth, participante do processo, também enfatiza tal dimensão de saúde e bem-estar, ao compartilhar uma lista de ervas para fazer chá como: mastruz, hortelãzinha, santa quitéria, entre outros.

Devido à sua localização afastada de um hospital convencional e o fato de nem todas disporem de um transporte adequado, as mulheres de Monge Belo costumam recorrer à medicina local, muito embora esse quadro esteja mudando. Observa-se uma transição da forma de ter os filhos entre as mulheres de diferentes faixas etárias, visto que as mulheres mais jovens começaram a utilizar os serviços de hospitais, diferentemente das moradoras mais velhas, que pariam seus filhos localmente com as parteiras.

A participante Domingas conta que teve dois filhos homens e cinco filhas mulheres em casa. Em suas memórias, na época as mulheres recorriam às parteiras pois não havia acesso a hospital ou transporte. Domingas relata que precisava utilizar panos feitos de vestidos para enrolar seus filhos após o trabalho de parto. Segundo ela, essas condições mudaram e atualmente as mulheres da comunidade têm acesso a artigos como fraldas descartáveis.

Refletiram, ainda, sobre as questões relacionadas à dedicação de tempo, trabalho e esforço. O tempo de lavarem fraldas ocupavam bastante seus cotidianos, diferentemente de agora, que o

tempo é otimizado pelo uso de fralda descartável. Contudo, durante o debate, refletiram sobre o uso de tal tempo livre, às vezes desperdiçado em redes sociais. A questão ambiental também não passou despercebida, já que mencionaram o acúmulo de lixo com as fraldas plásticas. Como não acontece coleta de lixo na comunidade, isso também deve ser pensado de forma crítica, segundo a conversa que tivemos a partir das narrativas.

## 5.2. Acesso à educação

É possível notar que, por mais que as mulheres de Monge Belo expressem contentamento sobre seus modos de vida e suas jornadas pessoais, elas não desejam que seus filhos vivenciem as mesmas situações difíceis, apontando a educação como meio emancipador e promotor de bem-estar. A maioria das artesãs não completou os seus estudos e seus conhecimentos foram passados de modo intergeracional.

Sobre a educação, Domingas que não teve acesso ao ensino convencional completo, incentiva sempre os seus três netos a estudar:

[...] olha vocês vão estudar porque eu não tenho dinheiro pra dar pra vocês, eu não tenho uma boa casa pra dar pra vocês, não tenho riqueza, abaixo de Deus a riqueza que eu tenho é a nossa vida que nos tem de graça. Nós deve muito de agradecer a Deus. (Domingas).

Domingas demonstra orgulho de dois de seus filhos estarem trabalhando, ao falar sobre o campo do trabalho das suas filhas ela aponta o fato de serem domésticas: “mas as outras todas têm as famílias delas”.

## 5.3. Participação Econômica

Atualmente, os meios de geração de renda na comunidade resumem-se à garantia da subsistência por meio do roçado e da criação de animais, além dos auxílios de programas de assistência do governo.

Elizabeth conta que se separou há 20 anos, após um relacionamento que gerou oito filhas e que, para conseguir sustentar sua família trabalhava com o extrativismo do coco babaçu, o que lhe possibilitou o sustento através da venda a um quitandeiro da região. Após a perda do trabalho, a moradora passou a trabalhar com o roçado da terra e acrescenta a importância do bolsa família como incremento na renda.

De modo semelhante, Patrícia nos narra o processo de adaptação diante das dificuldades financeiras e da maternidade solo, relatando o exercício de diferentes ocupações e ofícios para manutenção de sua vida.

Já fui manicure, já fui costureira, eu fazia bolo, eu fazia mingau, tudo pra vender, o último agora foi sorvete, suquinho, fiz crochê [...] olho na internet coisa de artesanato; aprendi a fazer coisas com EVA... Já fiz muita coisa que nem sabia que eu



tinha capacidade de fazer. Por isso que eu vou viver minha vida da maneira que der, que deus permitir. (Patrícia).

Além disso, as falas das mulheres sugerem que elas anseiam por novas alternativas de geração de renda por meio do aprendizado sobre técnicas de uso dos materiais do território, como as pesquisas sobre os corantes naturais locais construídas com Ferreira (2023).

#### 5.4. Empoderamento político

Um tópico amplamente debatido pelas artesãs foi a questão territorial enfrentada pela comunidade atualmente. As participantes são conscientes do papel fundamental da comunidade de Monge Belo frente às ameaças de tomada de suas terras e demonstraram orgulho das situações de resistência protagonizadas pelos “movimentos” coletivos locais.

Domingas ressalta a importância da coletividade no enfrentamento às autoridades: “[...] se vamo caminhar, vamo todo mundo junto, porque só um só não adianta. Então se é pra partir pra caminhar então vamo tudo junto”. A moradora também evidencia o papel de agentes externos na construção da conscientização política, quando aponta que pessoas que vêm a Monge Belo “trazem o entendimento”. No entanto, é necessária uma maior investigação em torno do processo de trocas com agentes externos, além dos processos realizados pelo NIDA, para entender até que ponto seus efeitos atuam de modo a fortalecer ou reduzir a autonomia da comunidade.

A questão da luta pela terra foi acionada nos discursos trazidos na fala de Elizabeth:

[...] e também aqui que a gente luta por essa terra que é um grande conflito aqui pra nós. Aqui tem de vez em quando o pessoal querem tomar essa terra nossa, a gente fica apavorado com medo de ir embora... Pra onde a gente vai, que não tem um lugar pra gente ir? Então a gente vive nessa luta aqui; tem audiência a gente vai, o presidente convoca a gente vai [com] o caminhão cheio, antigamente caminhão, hoje ônibus, pra delegacia enfrentar esse povo que querem tomar esse terreno que a gente mora e isso começou desde '85 que a gente veio com essa luta e essa luta continua até hoje. (Elizabeth).

Desse modo, o vínculo com a territorialidade se apresenta como uma questão latente em suas falas, principalmente no que tange à noção do território como lócus de reprodução de seus modos de vida, bem como um espaço potencial para o impulsionamento de projetos futuros que objetivam a formação educacional e a geração de renda com base em atrativos locais.

## 6. Considerações Finais

Quando trabalhamos com comunidades tradicionais, como neste caso, em que cocriamos narrativas com as mulheres da comunidade quilombola maranhense de Monge Belo, o aprofundamento sobre a dimensão ontológica das múltiplas formas criativas e de alternativas aos impactos do pós extrativismo na comunidade é um meio para a construção de designs outros. Nosso contato inicial com a comunidade foi propiciado por sua prática artesanal de



produção de colorantes minerais, que possibilitou uma pesquisa inicial com a prototipação consonância aos princípios da autonomia, seguindo as reflexões de Escobar (2016). O autor reflete sobre o processo de criação da comunidade por si própria, em processo de autorreprodução, aludindo ao conceito de autopoiesis.

A facilitação do processo de construção de narrativas, com as “coisas de design” produzidas no lugar e com as artesãs, ensinou a subjetividade e a situacionalidade dos indicadores de lacuna de gênero. Fizemos um processo de checagem, em mais uma comunidade, de parâmetros criados internacionalmente. Os exemplos, os casos, as memórias dessas mulheres quilombolas narram as dificuldades, as táticas, as imaginações e desejos relativos à autonomia de si e do território, em continuidade.

Tal experiência aproxima-nos de uma prática especulativa de design que, segundo Dunne e Raby (2013), caracteriza-se pelo uso da materialidade como forma de investigação crítica. Ao invés de termos um produto final para um uso específico, que em abordagens tradicionais do design seriam o fim do processo, na abordagem denominada de design afirmativo, por Dunne e Raby (op.cit), desenvolvemos “coisas de design”, com o fim de provocar a consciência sobre práticas criativas e seus alcances na comunidade. Tais coisas - o cofo e o livro - são meios para a construção discursiva de uma crítica da realidade vivida, que promovem a emergência de significados em direção a um futuro. Mais do que respostas, deixam perguntas no ar que posteriormente podem ser respondidas com ações específicas de design para solução dos problemas identificados, de forma colaborativa.

Conforme Noronha e Abreu (2021), a dimensão simbólica da narrativa diz respeito ao caráter relacional e subjetivo entre o praticante, os materiais, seus processos, histórias e memórias relacionadas ao fazer. Assim, o produto e o processo artesanal tornam-se rastros tangíveis de histórias, que se explicitam por meio de sua contação: o modo em que os seus praticantes valoram e comunicam sobre suas tradições e sua ancestralidade.

Como contribuição ao campo do design, a pesquisa reforça a necessidade de se considerar o caráter ontológico e situado de ações em cocriação, no qual a intersubjetividade se faz presente e as universalizações, aqui representadas pelos parâmetros do Fórum Econômico Mundial, necessitam ser lidas e interpretadas localmente como meio de produção de políticas públicas, enfatizando a dimensão política do design e a sua orientação à imaginação de futuros.

### Referências

BINDER, T. *et al.* **Design Things**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2011.

BRUZACA, R. D. **A prática jurídica entre a "bainha" e a "faca"**: para (re)pensar o Direito a partir da perspectiva de quilombolas nos conflitos entre a Vale e os territórios de Santa Rosa dos Pretos e Monge Belo, em Itapecuru-Mirim/MA. 2020. 221f. Tese (Doutorado em Ciências



Jurídicas). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: Acesso em: set. de 2022.

BUCHANAN, R. Design Research and the New Learning. **Design Issues**: Volume 17, N. 4, Autumn 2001, p. 23.

CASCIANI, D.; VANDI, A. Hyper-Sensing Creative Acts The Role of Design in Transmitting Intangible Cultural Heritage through Digital Tools. In: FERRARA, M. (org.). **PAD. Pages on Arts and Design: digital memories**. 23. ed. Italy: Aiap Edizioni, 2022. p. 238-263.

Censo brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

CRESWELL, J. W. **Research design**: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. London: Sage Publications - 4th ed. 2014.

DE ROSA, A.; TASSINARI, V.; VERGANI, F. Envisioning in participatory design processes for civic sense-making: A temporal collective articulation of a resilient counter-narrative through the development of prototyping fictional worlds. **Convergences - Journal of Research and Arts Education**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 13–24, 2021. DOI: 10.53681/c1514225187514391s.28.87.

DUNNE, A; RABY, F. **Speculative Everything**: Design, Fiction, and Social Dreaming. Cambridge; London: The Mit Press, 2013.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y Diseño**: la realización de lo comunal. Sello Editorial. Popayán, Universidad del Cauca: 2016

FERREIRA, G. R. **As terras de Monge Belo**: as práticas locais e o design participativo relacional na produção dos colorantes naturais. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Design da UFMA, 187fl., 2023.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. **Empoderamento de mulheres**. Avaliação das disparidades globais de gênero. Genebra, 2005

GAIOSO, A. Vs. **Quilombo Monge Belo**. Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

INGOLD, T. **Being Alive**: Essays on movement, knowledge and description. Routledge, London: 2011. 279p.

IZÍDIO, L. C. L.; FARIAS, L. G. D. de; NORONHA, R. G. Reapropiación ontológica a través del diseño antropología: producción de narrativas y subjetividades con artesanas en Paço do Lumiar, Maranhão. **RChD: creación y pensamiento**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 5–22, 2022. DOI: 10.5354/0719-837X.2022.67632.

JUKES, S. Thinking through making: junk paddles, distant forests and pedagogical possibilities, **Environmental Education Research**, 26:12, 1746-1763, 2020. DOI: 10.1080/13504622.2020.1806991



KUTHY, D.; BROADWATER, K. Sortings, Cutaways, and Bindings: Quilt-Making as Arts-Based Practice for Social Justice Teaching, **Art Education**, 67:4, 27-33, 2014. DOI: 10.1080/00043125.2014.11519280

LE GUIN, U. K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução: Luciana Chieregati, Vivian Chieregati Costa. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LUPTON, E. **Design is storytelling**. Cooper Hewitt, Nova Iorque: 2017

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. Product-Service Systems and Sustainability. Opportunities for sustainable solutions. **Interdepartmental Research Centre Innovation for the Environmental Sustainability**, Milano: 2002

MCLEAN, S. **Fictionalizing Anthropology**: Encounters and Fabulations at the Edge of the Human. Minneapolis: University of Minnesota Press; 2017; Strathern, 2013.

NORONHA, R. **Dos quintais às prateleiras**: as imagens quilombolas e a produção da louça em Itamatatua – Alcântara – Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2020.

NORONHA, R. The Collaborative Turn: Challenges and Limits on the Construction of a Common Plan and on Autonomía. in: **Design. Strategic Design Research Journal**. Vol 11(2):125-135. Unisinos, Porto Alegre: 2018

NORONHA, R; ABREU, M. Conter e contar: autonomia e autopoiesis entre mulheres, materiais e narrativas por meio de Design Anthropology. **Pensamentos em Design**. Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 60-75, 2021

NORONHA, R. G.; FARIAS, L. G. D.; PORTELA, R. L. Design, craftwork and participation: reflections for the productive autonomy of women in Maranhão. **DAT Journal**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 124–143, 2022. DOI: 10.29147/datjournal.v7i4.642. Disponível em: <https://datjournal.anhembibr.com/dt/article/view/642>. Acesso em: 15 sep. 2023.

REINA-ROZO, Juan David. **Futuros, especulaciones y diseños para otros horizontes posibles**. São Paulo: Andamio, 2023.

REZENDE, E. J. C.; DIAS, M. R. A. C. (2022). Ética na pesquisa de design com comunidades. In: **Comunidades Criativas e Saberes Locais**: design no contexto social e cultural de baixa renda. Curitiba: Editora Insight, posfácio, p.229-234.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SOUZA, P.; FARIAS, L.; NORONHA, R. Design participativo, gênero e artesanato: reflexões sobre a lacuna de equidade de gênero entre mulheres artesãs, p. 5097-5110. In: **Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: Blucher, 2022.

SPINUZZI, Clay. The methodology of participatory design. **Technical Communication**. Washington, v. 52, n.2, p. 163-174., mai., 2005.

